O DEMOCRATA

(AVENÇADO)

Semanário Republicano de Aveiro

Redacção e Administração
Rua Miguel Bombarda, 21
Comp. e imp.—IMPRENSA UNIVERSAL
R. Combatentes da G. Guerra — AVEIRO

Director e Proprietário
Arnaldo Ribeiro

Editor e Administrador
Manuel Alves Ribeiro
Correspondência dirigida ao Director
Publicidade Lisboa e Pôrto *Agência Havas*

ANO 34.º Sábado, 8 de Novembro de 1941 **N.º 1706**

VISADO PELA CENSURA

PALAVRAS DIGNAS

Vivemos uma hora de alta gravidade histórica. Afirmá-lo não é mera hiperbole literária ou rétorica, ou manifestar péssimismo para o que há natural propensão nas criaturas humanas.

Se o proclamamos é, unicamente, para se atentar, com consciência, na verdade e na certeza dos tempos conturbados que correm.

A Europa e o Mundo estão em face duma guerra sem quartel, cujo fim a humanidade ansiosamente deseja, mas a sua possibilidade de terminar ainda se não vislumbra, nem se apalpa.

Precisamente, por isso, as dificuldades económicas surgem, irrompem de todos os lados, atropelam-se, tornando ainda mais complexos os problemas sérios da luta pela vida, cuja solução em tempos normais e regulares, é relativamente fácil e possível. Acresce, mesmo, que as dificuldades económicas são principalmente criadas pelo estado de guerra, isto é, são impostas externamente pelas condições europeias e mundiais da conflagração guerreira, que, como incêndio, alastra pelos continentes.

Perante esta situação trágica e perplexa, o Govêrno tem avisadamente procurado e procura diminuir e suavizar o agravamento das condições económicas, origem, sem duvida alguma, de mal-estar social.

O sr. Ministro da Economia, com clareza e franqueza, teve ocasião de abordar, de novo, a questão económica em face da guerra, ao inaugurar as Jornadas Económicas da Estação Agronómica Nacional e proclamou a necessidade de produzir mais, de produzir o máximo, apelando para o espírito patriótico e esforçado da Grei, que em todas as emergências graves da história, sabe sempre cumprir o seu dever.

São dignas de reflexão e de meditação as seguintes palavras do sr. Ministro da Economia:

«A guerra vai alastrando e ameaça avassalar o Mundo. A' medida que o tempo passa, sente-se que vamos caminhando para o isolamento—causa de verdadeira asfixia económica. Fecham-se mercados, perdem-se meios de transporte, secam fontes de reabastecimento de matérias primas e de substâncias alimentares com que ainda há pouco se contava, a-pesar de todos os impedimentos e restrições. E, no entanto, a vida tem as suas exigências—mínimas que sejam—que é preciso satisfazer. Temos reflectido suficientemente nas contingências da hora presente? Temos temperada a vontade e fortalecido o sentimento—um por todos e todos por um—para criar as condições de vida necessárias à população? Se temos, só resta êste caminho: fazer apêlo aos actuais recursos da tecnica e produzir sem desfalecimento nem querelas de família que possam entorpecer a acção. O Govêrno assegurará, como até aqui, as condições gerais, económicas e políticas que podem tornar fecundo o trabalho; respeito pelas instituições seculares sôbre as quais repousa a vida económica e social; utilização de *todos os factores* que podem servir para valorizar o trabalho e dar desafogo à produção.»

O patriotismo dêstes períodos é incontestável. O seu civismo é transparente e cristalino. Que os homens da indústria, da agricultura e do comércio pensem e meditem nelas, para que o seu patriotismo e o seu civismo não sejam palavras mortas, mas, antes, energia em acção, em movimento, em benefício da paz, da unidade e da tranqüilidade possível de Portugal!

J. Carreira

«O Democrata»

Êste jornal recebeu, durante a semana, desvanecedoras felicitações pelo artigo inserto sob a epígrafe *O campo experimental da Avenida*.

E' que Aveiro nunca deixou de estar ao lado da razão e da verdade. E se essa tem sido sempre a norma do *Democrata*, explica-se.

Irá desta feita?

Segundo o correspondente do *Jornal de Notícias*, foram a Lisboa tratar da aprovação do projecto de abastecimento de água à cidade e da respectiva comparticipação do Estado, os srs. Governador Civil e Presidente da Câmara.

São tantas as *démarches* anunciadas, que, francamente, se damos a notícia de mais esta é... por desfastio.

Triste odissêa

—o—

Morreu na terça-feira a mais antiga internada do Manicómio Bombarda, de Lisboa. Chamava-se Flora Preston, era de nacionalidade inglesa e entrara para lá com 19 anos, em Maio de 1878. Terminou, portanto, os seus dias depois de 63 anos de clausura por desarranjo mental. E o pai, enquanto vivo, quási todos os dias levava à filha lindos ramos de flôres.

O que êsse pai havia de ter sofrido para dar, assim, uma tão impressionante prova de amor!

O último bacalhoeiro

Só no fim da semana passada chegou a Aveiro o lugre *Neptuno*, também com carregamento completo de bacalhau pescado na Terra Nova. Trouxe a bordo 7 naufragos do *Normandie*, 3 do *Silvina* e 2 do *Santa Quitéria*, êste da praça do Pôrto, por ali naufragarem.

E pronto, por êste ano.

Graças à Providência, não faltará peixe. Resta envidar esforços no sentido de o embaretecer, porque os pobres também são gente...

Mortos da República

Passaram ùltimamente os aniversários das mortes de António José de Almeida, José Relvas, Fernão Boto Machado, Luís Derouet e França Borges, todos republicanos dedicadíssimos, a quem o regimen ficou devendo assinalados serviços.

As suas campas foram cobertas de flores, sinal de que ainda não esqueceram.

Carta de Lisboa

Palavra de ordem

O sr. Prof. Dr. Marcelo Caetano, ilustre Comissário Nacional da M. P., dirigiu agora aos filiados da patriótica organização a palavra de ordem para o novo ano de trabalhos, iniciado no passado dia 1. *Estudo e acção* foi o lema completo e perfeito, porque tudo dizem estas duas palavras.

«Hão-de estudar os dirigentes novos processos de atrair, entusiasmar e formar a juventude; hão-de estudar os graduados a doutrina a transmitir aos demais filiados, procurando aperfeiçoar-se constantemente na sua missão de chefes e de guias; hão-de estudar os filiados as noções práticas dos nossos programas de instrução, a fim-de ficarem habilitados a aplicá-las.

. . . .

E quanto à acção: «Acção pela ginástica, pelo campismo, pelo desporto; acção moral para aperfeiçoar a consciência e temperar o carácter; acção social para o serviço do próximo e proveito da Nação.»

Palavras claras e precisas, elas constituem, de facto, um grande e magnífico programa de acção. Realizando-o no próximo ano como, de certo, não deixará de fazer, a M. P. fica com mais um título admirável de reconhecimento e gratidão de todo o país.

Medida acertada

Assim pode, de facto, classificar-se, o decreto recentemente publicado pelo Ministério da Guerra, remodelando o Instituto Profissional de Educação e Trabalho de Odivelas, que passa a ser dirigido e leccionado por professoras em substituïção dos professores que até agora ali faziam serviço. Se verificarmos que se trata dum estabelecimento de educação de raparigas, fàcilmente nos aperceberemos do acerto da medida ora tomada.

CORDEIRO GOMES

Á Câmara

—o—

A Rua de Arnelas precisa que as picarêtas municipais entrem em acção para a porem em condições de se transitar por ela. No verão, o pó é aos montões; de inverno, a lama é de atascar.

Aquilo necessita dum concerto radical, a começar pela rampa do Senhor dos Aflitos cujo pavimento, tal como se encontra, é uma vergonha.

O DEMOCRATA vende-se no Kiosque da Praça Marquês de Pombal—AVEIRO.

IMPRENSA

A Opinião

Por lapso deixámos de noticiar o mez passado o aniversário do colega de Oliveira de Azemeis, pelo que nos vimos penitenciar, pedindo desculpa da falta. E' que, às vezes, sôbre esta meza de pinho, junta-se tanta coisa, que não há maneira de escaparmos a estes e outros casos idênticos. Releve-nos, pois, *A Opinião* o que acaba de acontecer e creia que ao felicitá-la lhe desejamos as máximas prosperidades.

DIAS LINDOS

A quadra outonal, entre nós, atingiu, êste ano, uma beleza encantadora. Resta saber se se prolongará, ligando com o *verão de S. Martinho*. E' possível. A não ser que o *Borda d'Agua*, às vezes, erre...

O centenário do Liceu de Évora

Recebemos a seguinte carta:

Évora, 1 de Novembro de 1941.

... Sr. Director do jornal O Democrata
AVEIRO

Terminadas as festas comemorativas do 1.º Centenário da fundação dêste Liceu, a Comissão organizadora delas, dando balanço a tudo quanto se fez, verifica que o brilho que atingiram e os proveitos que resultaram para a cidade e para o país só podem ser atribuídos à soma de esforços e de boas vontades com que por tôda a parte ela deparou, a nós tendo cabido, apenas, o papel de as coordenar e canalizar para o fim que tínhamos em vista. Parcela importante nessa soma cabe à Imprensa em geral, e muito particularmente ao jornal da mui digna direcção de V. Julgou, por isso, a Comissão acima referida, e a que tenho a honra de presidir, ser seu dever dar clara manifestação do seu reconhecimento por tudo quanto em seu auxílio V. fez ou autorizou que se fizesse, a tudo isso juntando os nossos bem justificados agradecimentos.

A bem do Liceu de E'vora
O Presidente da Comissão Central
ANTÓNIO B. GROMICHO

SARDINHA

Em Matosinhos, onde se fazem desembarques de cabazes aos milhares, vende-se por alto prêço. E' vêr: cada uma 40 centavos! Por isso só a carga dum barco já rendeu 400 contos!

Ao tempo que se chegou!

A ronda da Saüdade

Como de costume, estiveram muito concorridos de visitantes, no sábado e no domingo, os nossos cemitérios, que se transformaram em verdadeiros jardins ou parques, tal a profusão de flores que mãos piedosas colocaram sôbre as campas dos mortos.

Junto destas—quantas lágrimas ainda vertidas, quantos corações oprimidos, quantas preces pelo eterno descanço dos que dormem à sombra da cruz!

Em espírito estivemos também lá, acompanhando na romagem triste dos dois dias o sentimento afectuoso da gente da nossa terra.

Café Imperial

Abriu, no domingo, as suas portas o novo café, situado, como dissemos, na principal artéria da cidade—a Avenida Dr. Lourenço Peixinho.

E' seu proprietário o sr. Joaquim Nogueira dos Santos, acha-se montado com decência e tem uma parte destinada a restaurante.

Muitas prosperidades.

Contra a ganância

Reuniram, há dias, com os srs. Ministro da Economia e Sub-Secretário de Estado da Agricultura, os chefes dos distritos de Viana do Castelo, Braga e Vila Real, que resolveram apertar a fiscalização e tomar providências enérgicas no sentido de darem *caça* aos contrabandistas e açambarcadores de géneros alimentícios e de cereais que infestam as áreas das suas circunscrições, procurando a todo o custo enriquecer sem olharem à miséria alheia. Os três governadores civis, porém, estão firmemente decididos a pôr côbro à criminosa actividade, pelo que são dignos dos maiores encomios e louvores.

Só assim, com autoridades destas, inteligentes e activas, o país poderá escapar à fome, que sempre ouvimos classificar como inimiga da virtude.

Visitai o Parque da Cidade

Contra o cancro

Grupos de meninas fizeram, no último sábado, um peditório a favor do Instituto de Oncologia, percorrendo, por isso, as ruas da cidade nessa louvável missão.

Recolheram e entregaram a quantia de 1.635$00.

O "Oppidum" de Vouga-Marnel

pelo Dr. Alberto Souto

II

Em 1930 publicava eu a descoberta de Cacia luso romana. Porque a *Torre* de Cacia e o *Cabeço do Vouga* viveram a mesma época e, certamente, pereceram na catástrofe da mesma invasão, sendo idênticas as suas caraterísticas e flagrantemente semelhantes os seus restos, rememoro, a propósito, o que comigo se passou e então disse.

«Cacia, estação arqueológica, não é invenção minha como alguns incrédulos a princípio julgaram, nem, tão pouco, minha repentina descoberta, como o laconismo de algumas noticias da imprensa faz supôr.

Nas *Origens da Ria de Aveiro* publicadas em 1923, estudando o aspecto arqueológico do problema, dizia eu:

«De Cacia, refere-nos o *Arqueologo Português*, vários achados de ancoras e correntes soterradas, de ruinas de uma velha torre, tradições de navios do mar que por ali abordaram, como investigou Gaspar Barreiros» e *vaticinava*:

«Tenho fé que hão-de descobrir-se mais tarde documentos arqueológicos que iluminem a história desta laguna, à volta da qual—espelho da vida primitiva da humanidade!—as populações se sentaram em adfiteatro, como as rãs à borda do charco, no pitoresco dizer do velho clássico.»

«Enquanto tal não sucede, temos de nos limitar a um rebusco de pobres na escassa demonstração já publicada, à qual, infelizmente, nada posso acrescentar.»

Numerosos são os autores que falaram de Cacia, entre eles o sr. Marques Gomes, que, seguindo Gaspar Barreiros, opinou ter sido ali a velha *Talábriga*.

Após a publicação do ensaio mencionado, repetidas visitas fiz eu ao sítio da igreja de Cacia, mas de balde procurei alguma pedra que, numa inscrição ou no seu aparelho, revelasse qualquer curiosidade arqueológica, e nem nos seus arredores vi o quer que fôsse digno de menção e reparo.

As ruinas da residência paroquial e o cemitério nada de extraordinário ofereciam à vista. Numerosos cacos que encontrei, eram de época recente. Admiti que a velha *torre* do nosso corógrafo do século de quinhentos, fôra uma torre medieval e que desaparecera sob os fundamentos da matriz de S. Julião e que esta igreja, como as de Requeixo, S. João de Loure, Eixo, Esgueira, Aveiro, Arada, Ilhavo, Vagos e Sousa, marcava a nítida tendência dos povos ribeirinhos para a vida fluvial, marítima e lagunar, fundando os seus aglomerados nas margens do estuário de que posteriormente um pouco se afastaram, evitando os miasmas consequentes às obstruções da barra.

Os anos decorreram sem que a misteriosa *Torre* de Cacia me passasse da mente, e veio a suceder que, em documentos vários que me passaram pelas mãos, comecei encontrando referências a um *Campo da Matança* junto ao rio Vouga e no termo de Cacia.

Fez-me impressão êsse topónimo e inquiri de várias pessoas ilustradas do logar a sua razão e origem, sem que ninguem m'o explicasse, justificando-o apenas por uma grande antiguidade que afinal nada explicava.

A idéia de um campo de batalha ou de um sítio de hecatombe, começou a nascer no meu espírito, como única justificativa, provindo de remotos tempos, possivelmente proto-históricos, de se chamar a um campo das aluviões do Vouga, nas proximidades da sua foz e do seu estuário primitivos—o *Campo da Matança*.

O facto de ser a antiga vila de *Matança*, do concelho de Fornos de Algodres, como documenta o *Arqueologo*, uma estação arqueológica dos tempos romanos, mais me convencia de que o *Campo* de Cacia devia ter relação com as ruinas da *Torre* mencionada por Gaspar Barreiros.

Em 1929 o sr. Sebastião de Magalhãis Lima, meu antigo condiscípulo e amigo, explorava, em Cacia, uma pedreira donde tirava saibro para as obras das estradas e uma vez apareceu-me com um caco ornamentado e um *pondus* que me causaram imediata impressão.

Recomendei-lhe cuidado e vigilância para podermos determinar a época e origem a que remontaria o achado, mas nada mais tornei a saber senão que outros objectos antigos dali se iam retirando.

Decidi-me uma tarde, na companhia dos meus amigos srs. António Marques da Costa, estudante de medicina, e José Miranda, proprietário em Sarrazola, a visitar o local das saibreiras e pedreiras e a inspecionar o tal, para mim misterioso, *Campo da Matança*.

José Miranda, pelo caminho, ia-me perguntando pelos *Celtas* e referindo a tradição local de que a igreja, isolada da freguesia, lá para as bandas quási desabitadas do *rio dôce*, estava sôbre umas ruinas romanas, mas eu, incrédulo por nada lá ter visto que o revelasse, sorria-me, dizendo-lhe que os romanos e os moiros apadrinhavam, afinal, todas as antiqualhas que neste território português os tempos pre-históricos, a idade média e o dobrar de alguns séculos dos tempos modernos nos legaram pelos montes da região serrana e pelos outeiros do litoral.

Daí a pouco aqueles amigos guiavam-me para a pequena elevação rasada que se vê a poente da igreja de S. Julião, cujo campanário modernissimo alveja entre os salgueirais da pateira a quem a olha do caminho de ferro, e recordei-me, então, de que uma vez quiz transpôr aquele caminho baixo e pedregoso, mas que a cheia do inverno m'o não consentira.

Alguns passos dados e deparou-se-me um montão de pedras de granito que logo constatei serem de velhas construções e absolutamente estranhas à geologia local, que só fornece quartzo, em calhaus rolados do cretácico, ou, talvez, do terciário, aparecendo o chisto do paleozoico e o grés vermelho do triassico na margem direita do rio ou a grande distância dali.

Subindo a pequena encosta, reparei em restos de tejolaria de vetusto aspecto e, logo após, as *tegulae*, *imbrices* e cacaria vária de fisionomia romana, com pedaços de mós manuarias, começaram a surgir-me debaixo dos pés.

José Miranda tinha alguma razão. Se a antiguidade romana das ruinas do local da igreja de Cacia não ficava provada, ela era já muito verosímil, mas o que desta feita ficava demonstrada e por uma forma incontroversa, era a idade romana do cabeço fronteiro e próximo, que constituia uma estação arqueológica luso-romana até ai não identificada, embora indicada, nas margens do baixo Vouga.

Os restos de olaria, esparsos no terreno, não admitiam dúvidas. A civilização romana passara por ali e por ali deixara vestígios indeleveis.

Na história da região do Vouga acabava de abrir-se, a meus olhos, um capítulo novo que de repente vinha acordar em mim um sem numero de problemas e me fazia encarar outros por forma bem diversa daquela por que, até aqui, a erudição os encarára e resolvera.

Notas Mundanas

Aniversários

Fazem anos: hoje, o sr. dr. Vieira Rezende, médico especializado em doenças pulmonares, e a tricaninha Bernardete da Maia; âmanhã, a sr.ª D. Arlete do Céu Dias Morais, gentil filha do sr. capitão António Rodrigues Morais, a inocente Clementina, filha do sr. José F. da Costa Morteágua, empregado nos escritórios da Vacuum Oil Company, e o sr. Carlos da Naia Sarrazola, escrivão de Direito em S. Tomé (Africa Ocidental); no dia 10, o nosso amigo dr. Humberto Leitão, hábil clínico local; em 11, a gentil D. Maria Ermelinda de Melo Picado e a interessante Maria José da Silva Dias, filhas, respectivamente, da sr.ª D. Norbinda de Melo Picado, e do sr. João Jerónimo Dias; em 12, a sr.ª D. Fernanda Romão, simpática filha do escultor Romão Júnior, e em 14, a sr.ª D. Auzenda Testa, irmã do sr. João Rodrigues Testa, da firma Testa & Amadores.

Casamentos

Pelo sr. Alvaro da Rosa Lima, 1.º oficial do ministério da Marinha, foi pedida para seu sobrinho, o nosso conterrâneo Fausto Martins Lima, funcionário da Secção de Finanças de Penedono, a sr.ª D. Zairina dos Mártires Pinho Franco, gentil filha do sr. tenente Ernesto Ferreira Franco, de Ovar.

O enlace realizar-se-há no próximo ano.

Partidas e Chegadas

No paquete Angola, que a semana passada saiu a barra de Lisboa, seguiu com destino ao Congo Belga, o nosso presado amigo António Madail, que ali vai tratar dos seus negócios comerciais, tencionando estar de volta na próxima Primavera.

Desejando-lhe feliz viagem, muito estimamos que tudo côrra conforme os seus desejos.

—Vindos de Bolama (Guiné Portuguesa) chegaram na terça-feira a Aveiro o sr. eng. José Pereira Zagalo e esposa, a sr.ª D. Maria Rosa Cardoso V. Gamelas, que é filha do nosso amigo dr. José Vieira Gamelas, hábil clínico local.

Aos recem-chegados, que há dois anos haviam seguido para aquela cidade, apresentamos cumprimentos de boas-vindas.

—Estiveram nesta cidade a sr.ª D. Maria da Luz M. Lima Pinto, residente em Vila Nova de Gaia, e os srs. dr. António Vicente, médico em Bustos; Armando S. da Silva Afonso, escriturário da Direcção de Estradas da Guarda, e Alvaro Martins Lima, em tratamento no Caramulo.

—Veio de Vila Real para Agueda, a-fim-de freqüentar a Escola Central, o sr. Antero Alves da Cunha, 1.º sargento de Infantaria 13.

—De Oliveira de Azemeis foi transferido para a Vila da Feira o 2.º operador dos correios, sr. Telmo da Graça e Melo, nosso conterrâneo.

Praias e termas

Depois de ter passado a época balnear em Espinho, regressou à sua casa do Pôrto, a nossa ilustre conterrânea, sr.ª D. Gabriela de Melo Rebelo.

Doentes

Em Agueda mantem-se estacionário o estado do sr. Jaime Barata de Pina, antigo escrivão de Direito e pai do sr. alferes José Barata Freire de Lima, do Q. S. A. E.

—De Lisboa chegam-nos noticias animadoras sobre a marcha da doença do distinto oficial da Armada, sr. almirante Jaime Afreixo, que ultimamente tem experimentado sensiveis melhoras.

—Também tem melhorado em Macieira de Cambra, onde se encontra com a família, o nosso amigo José Laranjeira Marques, filho da sr.ª D. Maria Emilia Laranjeira Marques.

—Na capital, onde reside, também não tem passado bem de saúde o nosso conterrâneo e amigo António da Maia, o que sinceramente lamentamos.

Fazemos votos pelo completo restabelecimento de todos.

Crónica Militar

A acção dos submarinos

por Major S. Rego

Na Grande Guerra e mais tarde houve muitas pessoas que procuraram descrever os feitos submarinos. Uma nova arma, que, desde há séculos, interessa numerosos inventores que sabem das suas vantagens na guerra, nomeadamente a sua fôrça e segurança. Muito se escreveu também sôbre a guerra contra os submarinos, mas na maior parte dos casos tratava-se de opiniões emitidas apenas com a intenção de fazer propaganda. O próprio Loyd George, no III tomo das suas *Memórias da Guerra*, afirmou que foi a luta contra os submarinos que decidiu a sorte da Grande Guerra.

Mas uma arma de tal importância não se deixa matar, assim, pelas invenções da propaganda. Sabe-se há muito que, por êsse motivo, sempre que houve conferências para a limitação da arma submarina, a França se insurgiu contra as opiniões da Inglaterra. Entre todos os franceses destaca-se o almirante Castex, que, com o seu notável livro *Théories Suatégiques*, se tornou defensor convicto da arma submarina.

Também uma publicação oriunda dos Estados Unidos da América do Norte defendia o emprêgo dos submarinos. Lowell Thomas escreveu acêrca dos *cavaleiros da profundidade*, criando um verdadeiro hino com o qual não se pode comparar tudo quanto os outros teem escrito. Lowell Thomas mostrou a maior compreensão pela coragem e decisão necessários aqueles que se dispõem a todos os perigos da guerra submarina. O seu livro correu a terra, em centenas de milhares de exemplares. Os olhos da juventude brilharam de entusiasmo ao lerem as descrições das aventuras dos submarinos no tempo da guerra. E muitos homens dispuseram se a morrer com um desapêgo à vida idêntico ao de qualquer heroi da guerra submarina. Lowell Thomas acentuou repetidamente que a sua obra correspondia estritamente à verdade e esta verdade não pode estabelecer outra coisa que o heroísmo dêsses homens.

Tôdas as Armadas possuem submarinos. A arma submarina experimentou progressos notáveis desde a Grande Guerra. Nós vivemos num tempo em que se procura averiguar se muitas criações antigas devem continuar a ser usadas ou postas de lado por inuteis. O problema dos motores, a hesitação das pessoas foram problemas graves a resolver. Sem o aperfeiçoamento dos motores não havia aviões nem submarinos. Mas mesmo depois de resolvido êste problema, os submarinos ainda não podiam ser eficazes. A óptice começou então a contribuir para o desenvolvimento da arma submarina com a construção dos periscópios. O motor e o periscópio foram os elementos que deram vida ao submarino. Há cêrca de 30 anos que existe esta arma e não mais desaparecerá.

As deficiências verificadas nos submarinos na Grande Guerra foram, entretanto, corrigidas. Os meios de combater os submarinos desenvolveram se também, mas o seu desenvolvimento não correspondeu ao experimentado pela arma submarina.

E se hoje, os comandantes dos submarinos alemães, apoiados pelas suas tripulações, combatem com o mesmo heroismo que os seus camaradas da guerra passada, bem pode dizer se que não são as máquinas, mas os homens que combatem. O submarino desperta o verdadeiro espírito de luta e é a melhor escola de guerra.

NECROLOGIA

Com 34 anos, apenas, finou-se na madrugada de quarta-feira, Maria do Céu Catão Martins Pereira, que no mesmo dia foi a enterrar no cemitério central com numeroso acompanhamento.

A sua aparente robustez física não fazia prever tão próximo desenlace, que consternou quantos conheciam a inditosa rapariga e lhe apreciavam os predicados.

A extinta, filha do falecido José Catão, era casada com o sr. António Martins Pereira, da Costa do Valado, deixando três crianças na orfandade.

A nossas condolências.

* * *

Em Vila Cortez da Serra (Gouveia) igualmente deixou de existir, no mesmo dia, o sr. Joaquim Tavares Ferreira que contava a provecta idade de 93 anos.

Deixou viuva, três filhas e um filho, o nosso amigo sr. capitão Aristides Tavares Ferreira, que, ao ser-lhe transmitida a infausta notícia, para ali seguiu, imediatamente, a-fim-de se despedir do venerando ancião, de quem tantas vezes nos falava desvanecidamente.

Acompanhamo-lo, por isso, no seu grande desgôsto.

Agradecimento

P.e Manuel da Cruz, pároco aposentado da freguesia de Eixo, agradece a todas as pessoas que em Eixo assistiram ao funeral e ofícios do 7.º dia, de seu irmão João da Cruz Pericão.

Julga ter agradecido já aos que por telegramas, cartas e cartões lhe manifestaram o seu sentimento e pede desculpa de alguma falta que possa ter havido.

S. Bernardo, 7-XI-941

Agradecimento

A família do falecido António Ribeiro de Vasconcelos agradece penhoradamente a todas as pessoas que acompanharam o extinto à última morada.

Esgueira, 6 de Novembro de 1941.

Correspondências

Eixo, 3

Com 3 anos, apenas, faleceu Zita Maria Ribeiro da Cunha Moreira Longo, estremecida filha da sr.ª D. Maria Ernestina Ribeiro da Cunha e de seu marido António Moreira Longo, empregado da Alfândega em Porto-Amélia. A infeliz criança, que sucumbiu ao ataque duma doença repentina, era o enlêvo dos pais e restante família pelo que o seu desaparecimento deixou todos mergulhados em profunda desolação.

—Também se finou com 59 anos, o sr. António de Pinho, que aqui era descarregador do Vale do Vouga.

—O frio já por cá começou com bastante intensidade, estando a longa estiagem a preparar uma crise de pastos para os gados, muito prejudicial.

C.

Esgueira, 6

Foi reeleita a Direcção da Caixa Escolar do Sexo Masculino, que é composta da sr.ª D. Maria Isabel Farto Ramos e Severiano Ferreira Neves, ambos professores e ainda dos srs. Manuel Mateus Farto e Américo Ramalho.

Foram também apreciadas as contas, tendo-se verificado um saldo para o ano de 1941-42 de 1.881$56.

—Realizam-se domingo os seguintes encontros de *basket*: *Recreio-Galitos* (Infantis); *Recreio - Sangalhos* (Honra) e *Recreio-Gafanhense* (Reservas).

—No visinho lugar de Alumieira, faleceu, com 59 anos, a sr.ª D. Maria Simões de Moura Ferreira, esposa do importante industrial de panificação sr. Manuel Marques da Cunha.

A extinta deixou uma filha casada com o sr. José Gomes Gualter, e no seu enterro incorporaram-se numerosas pessoas, que formavam extenso cortejo.

A tôda a família apresentamos sentidos pêsames.

C.

Regimento de Infantaria 10

Conselho Administrativo

Anúncio

1.ª Praça

O Conselho Administrativo dêste Regimento faz público que em 12 de Novembro de 1941, pelas 14 horas, na sala das sessões do mesmo Conselho Administrativo, ha-de proceder-se à arrematação em hasta pública dos estrumes produzidos pelos solípedes do regimento e adidos durante o ano de 1942.

As propostas escritas em papel selado da taxa em vigor e segundo o modelo do caderno de encargos, serão entregues na secretaria do referido Conselho, em carta fechada e lacrada, na ocasião da abertura da praça, acompanhadas da quantia de 100$00 como caução provisória.

O caderno de encargos está patente, todos os dias úteis, das 14 às 17 horas, na citada secretaria onde se prestam todos os esclarecimentos.

Quartel em Aveiro, 1 de Novembro de 1941.

O Secretário

António da Maia Mendonça

Tenente do Q. R.

Câmara Municipal e Aveiro

Anúncio

Doutor Lourenço Simões Peixinho, Presidente da Câmara Municipal do Concelho de Aveiro:

Faço saber que a Câmara Municipal da minha presidencia resolveu, em sua reünião extraordinária de 3 do corrente, pôr em arrematação e venda em hasta pública, no próximo dia 20 de Novembro, pelas 14 horas e perante a mesma Câmara, o lote de terreno n.º 61 da planta da Avenida Central e situado na margem Sul da mesma Avenida, sendo a base de licitação de Esc. 100$00 por cada metro quadrado de superfície.

A planta e as condições de arrematação encontram-se patentes aos interessados em todos os dias úteis, das 11 às 17 horas, na Secretaria Municipal.

Aveiro e Secretaria Municipal, 5 de Novembro de 1941.

O Presidente da Câmara,

Lourenço Simões Peixinho

COMUNICADO

MANUEL FERREIRA DA FONSECA, proprietário da *Agência Funerária Aveirense*, Rua de Santo António, n.º 25, tendo conhecimento de que se tem propalado, não só nesta cidade, como também nas povoações visinhas, que deixou de possuir a Agência em Aveiro por motivo de ter aberto sub-agências em Ílhavo e outras localidades, vem por esta forma opôr **formal desmentido** a êsse boato.

Continua prestando os seus serviços a preços **sem competência,** tanto na séde como na sua sub-agência de Ilhavo e roga a todos os seus amigos e pessoas conhecidas que, caso duvidem ser possuidor dos melhores artigos no género, façam a fineza de uma visita aos seus estabelecimentos, onde lhes prestará todas as informações pedidas, minuciosamente.

Chama mais a atenção para o facto de poder apresentar documentação comprovativa da honestidade absoluta do seu procedimento.

A todos cumprimenta e agradece a boa nota dêste comunicado.

Aveiro, 21/10/941

Manuel Ferreira da Fonseca

(Telefone 96)

Comarca de Aveiro

Arrematação

1.ª publicação

No dia 22 do próximo mês de Novembro, por 12 horas, no Tribunal Judicial desta comarca, à Praça da República, e na acção d'arbitramento em que são autores Pedro Gonçalves e esposa D. Maria José Lopes d'Almeida Gonçalves, proprietários, desta cidade, e são réus os filhos menores de Elias Simões Instrumento e mulher, desta mesma cidade e outros, vão ser postos em praça para serem arrematados pelo maior lanço oferecido acima de seus respectivos valores, abaixo designados, os seguintes prédios:

Um prédio de casas, com suas pertenças, sito na Rua José Estêvão, desta cidade, com o valor de 9.240$00;

Um ribeiro de terra lavradia, sito na Presa, freguesia de Vera-Cruz, com o valor de 800$00.

Aveiro, 30 de Outubro de 1941

Verifiquei.

O Juiz de Direito, substituto

Fernando Moreira

O Chefe da 1.ª Secção da 2.ª Vara

António Augusto dos Santos Victor